



## PRIMEIROS PASSOS

### Desconstruindo preconceitos na educação: relato de experiências no PIBID

#### Deconstructing prejudices in education: report of experiences at PIBID

**Gabriel Lopes Silva** ([gabriellopessilvamg@gmail.com](mailto:gabriellopessilvamg@gmail.com))<sup>1</sup>

Graduando em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

**Isabela de Oliveira Fonseca** ([isabelafonseca663@gmail.com](mailto:isabelafonseca663@gmail.com))<sup>2</sup>

Graduanda em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

**Jader Santos Chaves** ([jadersantoshaves@hotmail.com](mailto:jadersantoshaves@hotmail.com))<sup>3</sup>

Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

#### Resumo:

Este trabalho tem como objetivo principal relatar as experiências vivenciadas por graduandos do curso de Licenciatura em História no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), destacando como as oficinas pedagógicas foram utilizadas para a desconstrução de preconceitos na sala de aula. Ao longo deste artigo serão descritas as oficinas pedagógicas que visaram trabalhar temáticas que envolvem parte da cultura dos povos indígena e africano no contexto brasileiro, destacando que esses povos desempenharam um papel crucial na formação da população brasileira, sendo este assunto importante para contribuir na desconstrução de preconceitos e estereótipos enraizados na sociedade. Para desenvolver as oficinas, apoiamos em obras de autores que dialogam com determinada temática, como *Oficinas de História: projeto curricular de Ciências Sociais e de História* (2000), entre outros autores. Destarte, teoricamente, para construirmos este artigo, embasamos em autores como Frantz Fanon, Florestan Fernandes, Paulo Freire, Chimamanda Adichie, Darcy Ribeiro, e outros autores.

**Palavras-chave:** Antirracismo; Educação; Oficinas pedagógicas; PIBID.

#### Abstract:

This work's main objective is to report the experiences lived by undergraduate students of the History Degree course in the Institutional Teaching Initiation Scholarship Program (PIBID), highlighting how pedagogical workshops were used to deconstruct prejudices in the classroom. Throughout this article, pedagogical workshops will be described that aimed to work on themes that involve part of the culture of indigenous and African peoples in the Brazilian context, highlighting that these people played a crucial role in the formation of the Brazilian population, this being an important subject to contribute to the deconstruction of prejudices and stereotypes rooted in society. To develop the workshops, we rely on works by authors who discuss a specific

<sup>1</sup> Bolsista de graduação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Bolsista de graduação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>3</sup> Orientador e supervisor do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES).

theme, such as *History Workshops: Social Sciences and History curricular project* (2000), among other authors. Therefore, theoretically, to construct this article, we based ourselves on authors such as Frantz Fanon, Florestan Fernandes, Paulo Freire, Chimamanda Adichie, Darcy Ribeiro, and other authors.

**Keywords:** Anti-racism; Education; Pedagogical workshops; PIBID.

## **Introdução**

A educação é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e inclusiva. No Brasil, um país marcado por uma rica pluralidade cultural e por profundas desigualdades sociais, a promoção da equidade e a valorização da diversidade são desafios permanentes no campo educacional. Neste contexto, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) surge como uma iniciativa pertinente, oferecendo oportunidades para a construção de experiências nas escolas, experiências práticas e reflexivas que transformam suas abordagens pedagógicas e ampliam suas perspectivas sobre a educação. A formação de um profissional da educação por meio da pesquisa é fundamental para ampliar sua compreensão sobre a prática educativa, fornecendo os subsídios necessários, tal como a construção e aplicação de oficinas temáticas (que serão abordadas ao longo do artigo) para identificar e solucionar os desafios do cotidiano escolar. Essa conscientização é o que evidencia a necessidade de melhorias, ajustes nos planejamentos e a busca pela autoformação. Conforme destaca Selma Garrido Pimenta:

O exercício da docência não se reduz à aplicação de modelos previamente estabelecidos, mas que, ao contrário, é construído na prática dos sujeitos-professores historicamente situados. Um processo formativo mobilizaria os saberes da teoria da educação necessários à compreensão da prática docente, capazes de desenvolverem as competências e habilidades para que os professores investiguem a própria atividade docente e, a partir dela, constituam os seus saberes-fazeres docente, num processo contínuo de construção de novos saberes. (Pimenta, 2005, p. 28).

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas nas atividades proporcionadas pelo PIBID, destacando como essas experiências contribuíram para a busca por soluções que contribuem para o processo de desconstrução de preconceitos enraizados

na sociedade. As oficinas pedagógicas realizadas no âmbito do programa foram cuidadosamente elaboradas para abordar temas de extrema relevância, como o antirracismo e a valorização das heranças culturais indígenas e africanas. Essas oficinas não apenas enriqueceram o conhecimento dos participantes, mas também desempenharam um papel essencial na promoção da igualdade e da diversidade cultural, elementos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa.

A relevância dessas oficinas pedagógicas é evidenciada pela sua capacidade de promover uma reflexão crítica sobre questões sociais e culturais que muitas vezes são negligenciadas no ambiente educacional. Ao abordar temas como o racismo estrutural e a importância das culturas indígena e africana na formação da identidade brasileira, as oficinas contribuíram para a conscientização dos alunos e dos graduandos sobre a necessidade de combater preconceitos e valorizar a diversidade. Destarte, essa conscientização é um passo fundamental para a construção de uma prática pedagógica mais inclusiva e democrática.

Desta forma, o presente artigo tem por intenção discorrer sobre como as atividades desenvolvidas no âmbito do PIBID podem contribuir para a formação dos graduandos em licenciatura. Participar dessas oficinas proporcionou aos futuros professores uma compreensão mais ampla e crítica das questões socioculturais, bem como o desenvolvimento de habilidades pedagógicas essenciais para a prática docente. Ao enfrentar diretamente temas complexos e sensíveis, os graduandos tiveram a oportunidade de aprimorar suas práticas pedagógicas, tornando-se mais preparados para lidar com a diversidade em sala de aula.

Por fim, este relato enfatiza a importância de programas como esse na preparação de futuros educadores para atuarem de maneira consciente e inclusiva em suas carreiras. Assim, essa iniciativa não apenas oferece aos graduandos uma formação prática e reflexiva, mas também os capacita a serem agentes de transformação social. Ao promover experiências que desafiam preconceitos e valorizam a diversidade, o programa contribui significativamente para a construção de um sistema educacional mais justo e equitativo, no qual todos os alunos têm a oportunidade de aprender e se desenvolver em um ambiente que respeita e valoriza suas identidades e culturas.

## **Reflexões sobre as oficinas: Conhecendo e valorizando as heranças indígena e africana na formação do povo brasileiro”: relato de experiência a partir da oficina pedagógica**

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma ação pedagógica de fomento federal que oferece bolsas aos alunos dos cursos de licenciatura com objetivo de proporcionar “aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas” (CAPES, 2020)<sup>4</sup>. Dentro da respectiva pesquisa, realizamos as atividades do PIBID na Escola Estadual Felício Pereira de Araújo, localizada no município de Montes Claros, em Minas Gerais, para os estudantes do 8º ano ensino fundamental e 2º série do ensino médio, sob a supervisão do professor da disciplina de História da referida instituição. Durante a aplicação da pesquisa, foram escolhidas duas temáticas para a realização das oficinas pedagógicas. A primeira foi relacionada aos povos indígenas e africanos, e suas contribuições para a formação do povo brasileiro; A segunda, cuja temática principal foi a educação antirracista.

78

A formação do povo brasileiro, de acordo com Darcy Ribeiro, se constituiu “pela confluência de contingentes profundamente díspares em suas características raciais, culturais e linguísticas, como um subproduto de projetos coloniais europeus” (Ribeiro, 1983, p. 92). Seguindo essa linha de pensamento, a partir das três matrizes formadoras: os povos indígenas, habitantes originários da terra, os portugueses, europeus colonizadores, e os africanos, estes últimos trazidos forçadamente na condição de escravizados, fizeram parte do processo de formação do povo brasileiro, constituindo assim uma sociedade miscigenada, tanto em seus aspectos raciais quanto culturais. Em consonância com tal fato referido, a miscigenação na formação nacional, Ribeiro (2002), em seu célebre livro, intitulado *O povo brasileiro* (2002), explicita que as heranças indígenas e africanas também foram primordiais para a construção do povo brasileiro em sua singularidade:

O que tenham os brasileiros de singular em relação aos portugueses decorre das qualidades diferenciadoras oriundas de suas matrizes indígenas e africanas; da proporção particular em que elas se congregam no Brasil; das condições

---

<sup>4</sup>Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, Universidade Estadual de Maringá - Pró-reitoria de ensino, disponível em: <https://www.pen.uem.br/site/public/programa/7bea278cce2f0d59d1b9f4042810706fcf118b54>. Acesso em 27 de fev. de 2025.

ambientais que enfrentaram aqui e ainda, da natureza dos objetos de produção que as engajou e reuniu (Ribeiro, 2002, p. 20).

Compreender o povo brasileiro como uma das sociedades mais miscigenadas do mundo<sup>5</sup>, é também destacar a sua identidade heterogênea, resultado da contribuição de vários povos na sua formação, que podemos verificar nas ruas, praças, casas, famílias, trabalhos, igrejas, empresas, entidades e associações, localidades, estados e regiões, como mostra o antropólogo Roberto DaMatta, na obra *O que faz o Brasil, Brasil?* (1997).

De fato, no caso do Brasil, andamos pelas ruas do centro comercial de nossas cidades com a roupa que queremos e em pleno dia, sem a menor preocupação de sermos atropelados ou vistos por nossos patrões, pais ou amigos aristocráticos. Muito pelo contrário, ao sermos vistos, eles é que correm o risco de serem seduzidos pela nossa investida carnavalesca. Comemos e bebemos nas ruas, trocando a casa pelo mundo público e ali realizando ações que são banidas do mundo social aberto. (DaMatta, 1986, p. 51).

Essa reflexão oportuna se faz necessária, visto que, o reconhecimento de nossas origens é referencial para o entendimento e valorização de todas as etnias, principalmente daqueles povos que historicamente foram silenciados, negligenciados e inferiorizados socialmente, como os povos indígenas e africanos, tal como destaca o sociólogo Florestan Fernandes, ao analisar que o brasileiro, “como já se pensou, por ser “mestiço” e “inferior” (Fernandes, 2013, p.86), destacando certo preconceito e inferiorização da população mestiça sofra.

Pensando nisso, a oficina aplicada tem como cerne a explanação de uma prática pedagógica relacionada com a notória influência dos povos indígenas e africanos na formação da sociedade brasileira. Sendo assim, a partir da oficina aplicada, buscamos apresentar aos discentes teorias, práticas e ações que desmitifiquem pensamentos preconceituosos e estigmatizados sobre esses povos. Para isso, foram desenvolvidos trabalhos e criações que permitiram estabelecer o conhecimento em relação à pluralidade étnica existente no Brasil. Acreditamos ainda que, essa oficina sobre as influências dos povos indígenas e africanos teve grande importância na medida em que contribuiu para a promoção dos saberes históricos e culturais sobre esses povos, junto

---

<sup>5</sup> Essa tese do brasileiro como um dos povos mais miscigenados do mundo parte de pesquisas de universidades públicas, conforme destaca o DW. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-brasil-%C3%A9-provavelmente-o-pa%C3%ADs-com-maior-miscigena%C3%A7%C3%A3o-do-mundo/a-51733280#:~:text=O%20caso%20do%20Brasil%2C%20no.com%20maior%20miscigena%C3%A7%C3%A3o%20no%20mundo,%E2%80%9D>. Acesso em 25 de fev. 2025.

com o uso de materiais didáticos que dialogam a determinada temática, proporcionando assim, a construção do conhecimento temático e o entendimento que todos merecem ser valorizados e reconhecidos:

Ao mostrar as diversas formas de organização social desenvolvidas por diferentes comunidades étnicas e diferentes grupos sociais, explicita que a pluralidade é fator de fortalecimento da democracia pelo adensamento do tecido social que se dá, pelo fortalecimento das culturas e pelo entrelaçamento das diversas formas de organização social de diferentes grupos (Brasil, 1997, p. 51).

O público-alvo da presente da primeira oficina pedagógica foram discentes do 8º ano do ensino fundamental, no horário vespertino da já referida instituição de ensino. A oficina foi aplicada no âmbito escolar no dia 17/05/2023 pelos graduandos em História. Na aplicação da oficina, houve a apresentação dos graduandos, do professor e acolhida dos alunos. Foram realizadas também orientações e informações gerais em relação a atividade a ser desenvolvida durante a oficina pedagógica e entrega do roteiro com suas principais temáticas e abordagens. Após essa parte, fizemos uma explanação teórica da oficina, tendo auxílio do roteiro e vídeos temáticos que dialogam com o conteúdo proposto.<sup>6</sup>

80

Os vídeos transmitidos tiveram como objetivo demonstrar, mesmo que de forma breve, um pouco da cultura indígena e africana, mostrando as diversas línguas dos povos, sua culinária, arte, entre outros. Por meio de uma explicação expositiva dialogada, em que os alunos participaram de jogos de perguntas e respostas no intuito de fixação do conteúdo. Em seguida, sob a orientação dos graduandos, os alunos produziram petecas e objetos de cunho indígena, sobretudo do povo Xavante<sup>7</sup>, que nomearam o que conhecemos hoje, como peteca, de “Tobdaé”, conforme registra a imagem abaixo.

---

<sup>6</sup>Os vídeos utilizados nas oficinas podem ser encontrados por meio do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=ky7afsv9bCk>, [https://www.youtube.com/watch?v=vWmZKwS\\_tWM](https://www.youtube.com/watch?v=vWmZKwS_tWM). Acesso em 01 de dez. 2024.

<sup>7</sup>O povo Xavante vive atualmente no estado do Mato Grosso, em nove terras indígenas : Marechal Rondon, Sangradouro, São Marcos, Parabubure, Ubawawe e Chão Preto, Areões, Pimentel Barbosa e Marãiwatsédé. Sua população é aproximadamente 14 mil pessoas, distribuídas de forma irregular em diversas aldeias nas terras citadas, conforme o *Open Edition Journals*. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/6888?lang=pt#:~:text=O%20povo%20Xavante%20vive%20atualmente,diversas%20aldeias%20nas%20terras%20citadas>. Acesso em 26 de fev. de 2025.



Figura 1: registro da oficina de confecção de petecas aplicada para os alunos.

O objetivo dessa oficina pedagógica foi ampliar os conhecimentos dos discentes em relação à cultura indígena e buscar mostrar que essa cultura está arraigada na contemporaneidade. Além disso, um dos anseios do trabalho foi em despertar a sensibilização e conscientização nos participantes para as realidades enfrentadas por esses povos, como a luta pela preservação das suas culturas, a discriminação e o preconceito, entre outros desafios. Ao aplicar a oficina pedagógica, compreendemos que a referida oficina temática buscou a promoção e valorização da cultura e história dos povos indígenas e africanos, inclusive, contribuindo no fortalecimento da autoestima e da identidade racial dos estudantes.

Esse objetivo proposto, pode acabar por construir narrativas didáticas que apresentam uma visão estática e homogênea dos povos indígenas, raramente considerando sua agência, suas decisões e seus projetos na interpretação de processos históricos específicos, que de acordo com Mauro Coelho e Wilma Coelho, “via de regra, reforçam-se os estereótipos vinculados aos povos indígenas em lugar de desconstruí-los” (Coelho; Coelho, 2021, p. 394). Assim, atividades

pedagógicas devem incentivar reflexões que questionem visões simplistas ou reducionistas, estimulando os participantes a enxergarem os povos indígenas como agentes ativos na construção de suas histórias e como parte integrante e indispensável da formação da identidade nacional. Esse enfoque não apenas contribui para a valorização e o respeito às culturas indígenas, mas também desafia preconceitos enraizados e promove uma educação mais inclusiva e transformadora.

O processo de avaliação foi relacionado à produção de informações sobre determinada realidade e é algo que está bastante presente no cotidiano escolar. Tradicionalmente, o professor mensura o aprendizado dos seus alunos através de diversos instrumentos (observações, registros, debates, entre outros) e indicam, a partir daí, o que precisa ser feito para que eles tenham condições de avançar no sistema escolar. Por essa linha de pensamento, a oficina pedagógica, por meio dos discentes participantes, construiu elementos e objetos das heranças indígena e africana, esses serviram como instrumentos avaliativos da referida atividade.

A atividade pedagógica que envolveu a confecção de petecas, um objeto de origem Xavante, contribuiu significativamente para os objetivos propostos, pois proporcionou uma vivência prática e simbólica que aproximou os participantes da cultura indígena de maneira dinâmica e reflexiva. Durante a oficina, entendendo que a “temática indígena na pesquisa do ensino de História não pode ser descolada do ambiente no qual a História assume sentido na Educação Básica: a escola” (Coelho; Coelho, 2021, p. 398). Como resultado, entendemos que a atividade permitiu que os discentes compreendessem o significado cultural da peteca, não apenas como um brinquedo, mas como um elemento simbólico e histórico que faz parte das tradições indígenas. Isso ajudou a reforçar a importância de preservar e respeitar os saberes ancestrais.

O contato direto com a cultura indígena por meio de uma atividade manual contribuiu para o fortalecimento da autoestima dos estudantes, especialmente daqueles que têm origens indígenas ou afrodescendentes, ao perceberem a relevância e a presença dessas culturas na contemporaneidade. O processo de confecção e a discussão que o acompanhou despertaram nos estudantes uma maior conscientização sobre as lutas enfrentadas pelos povos indígenas, como a preservação de suas culturas, resistências históricas e desafios na sociedade atual. Destarte, “a temática indígena no ensino de História envolve uma dimensão política que não pode ser

esquecida” (Coelho; Coelho, 2021, p. 401), entendendo que a “temática, então, implica um compromisso com a mudança, com a esperança, com a utopia de que é possível construir uma sociedade mais justa, mais igualitária, baseada na empatia, no respeito, na diferença e na diversidade” (Coelho; Coelho, 2021, p. 401).

### **O combate ao racismo e preconceito passa pela sala de aula: reflexões e práticas sobre a educação antirracista: relato de experiência a partir da oficina pedagógica**

Outra oficina realizada na mesma instituição escolar foi dedicada a reflexões e práticas voltadas para a promoção de uma educação antirracista. Seu objetivo principal foi dialogar com os alunos sobre as diversas formas de manifestação do racismo nos diferentes espaços sociais e as estratégias para combatê-lo. Abordar a importância de figuras negras famosas valoriza a cultura negra porque reconhece e evidencia as contribuições significativas que essas pessoas deram à sociedade em diversas áreas, como artes, ciências, esportes, política e ativismo. Quando figuras negras são apresentadas como referências positivas, isso amplia o repertório de modelos aspiracionais para pessoas negras, especialmente jovens, fortalecendo sua autoestima e identidade. Nesse contexto, buscou-se valorizar a cultura negra e fomentar uma educação antirracista por meio de uma atividade realizada em 20 de novembro de 2023, envolvendo cerca de 30 estudantes da segunda série do ensino médio.

Em nosso país, apesar de todos se dizerem avessos ao racismo, não há quem não conheça cenas de discriminação ou não saiba uma boa piada sobre o tema. Ainda hoje o trabalho manual é considerado aviltante e a hierarquia social reproduz uma divisão que data da época do cativo. Com naturalidade absorvemos a ideia de um elevador de serviço ou de lugares que se transformam em verdadeiros guetos raciais. É por isso que não basta condenar a história, ou encontrar heróis delimitados. Zumbi existe em cada um de nós. É passado e é presente. (Moura, 1996, p. 30).

Os estereótipos solidificam o racismo como ideologia ao reduzir grupos a significados pejorativos, moldados por contextos sociais com objetivos específicos. Para Frantz Fanon (1970), o racismo não é fixo, mas adaptável às circunstâncias, manifestando-se culturalmente em relações hierarquizadas e etnocêntricas, além de ultrapassar questões fenotípicas.

Estudar as relações entre o racismo e a cultura é questionar sua ação recíproca. Se a cultura é o conjunto dos comportamentos motores e mentais, nascidos do

encontro entre o homem e a natureza e seu semelhante, deve-se dizer que o racismo é um elemento cultural. Há, portanto, culturas com racismo e culturas sem racismo. (Fanon, 2001, p. 39-40).

No primeiro momento desta oficina, os alunos compreenderam noções conceituais e históricas que dizem respeito ao racismo, além de conhecerem personalidades negras como por exemplo, a cantora Negra Li e o rapper Sabotage, figuras importantes na luta deste anátema humano. Após esse momento, os trinta alunos foram divididos em quatro grupos para realização de "mini-oficinas", ou seja, quatro atividades distintas em que culminaram na fabricação de um jogo antirracista; em um quadro de jogadores de futebol negros com frases refletindo sobre o racismo; seis infográficos de personalidades negras e também um quiz sobre a população negra a partir da música.

Convém ressaltar que, o intuito nesta oficina foi de promover o debate e desenvolver o pensamento crítico sobre a abordagem em relação às questões raciais no país. Nesse sentido, buscamos instigar os alunos a refletirem acerca da história dos povos negros que foram escravizados no Brasil, essa que não se resume ao trabalho escravo, visto que a cultura dos povos africanos está presente no dia a dia do povo brasileiro, a citar: culinária, idioma, ciências, músicas e danças, entre tantas outras. Para concretização da atividade realizada utilizamos como base teórica Chimamanda Ngozi Adichie e Franz Fanon, autores que proporcionaram o (re) pensar sobre o negro na história e o papel da educação antirracista no ambiente escolar.

Dessa forma, como afirma a autora Chimamanda Adichie:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer "ser maior do que outro". Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder (Adichie, 2019, p. 12).

Nesse sentido, durante a realização desta oficina pedagógica foi refletida junto aos discentes participantes, por meio de uma pintura do pintor francês Jean-Baptiste Debret, a narrativa construída referente a forma como a história dos povos africanos costuma estar inserida nos livros didáticos para promover tal reflexão. No entanto, é fundamental reconhecer que outras áreas do conhecimento, como a Sociologia, também promovem reflexões acerca das figuras e dos

papéis sociais dos distintos povos que construíram a sociedade brasileira. Os livros didáticos, apesar de abordarem a diversidade étnico-cultural e a formação da miscigenação no Brasil, nem sempre problematizam adequadamente a forma como a história “oficial” dos povos nativos e africanos é ensinada. Dessa forma, a oficina surgiu com o propósito de dialogar sobre esse ciclo de poder, ressaltando que a história do povo negro vai além da perspectiva colonial ainda presente nos diversos espaços educacionais, e destacando a importância de ampliar a compreensão sobre figuras históricas essenciais para a constituição da modernidade e da história contemporânea.

As "mini-oficinas" foram realizadas a fim de promover o conhecimento de figuras e da cultura negra no Brasil (o jogador de futebol Pelé, a escritora Maria Carolina de Jesus, o ator Lázaro Ramos, o cantor Gilberto Gil, entre outros) e desenvolver o conhecimento por meio da educação antirracista. Estudar personalidades negras na escola não proporciona apenas o conhecimento como também desenvolve nos alunos negros a construção de identidade.

85



Figura 2: alunos pesquisando sobre personalidades negras com apoio de bolsista do PIBID

## **Discussão com Revisão de Literatura**

O processo de revisão bibliográfica foi abordado por autores que dialogam com a temática das propostas abordadas nas oficinas durante o período de atuação no PIBID. A obra intitulada *Oficinas de História - Projeto Curricular Ciências Sociais e História* (2000), organizado por Ana Mascia Lagôa, Keila Grinberg e Lúcia Grinberg, foi de fundamental importância para o desenvolvimento das oficinas aplicadas nas turmas do 8º do ensino fundamental e 2º série do ensino médio da Escola Estadual Felício Pereira de Araújo. A obra busca fornecer ferramentas e estratégias para a implementação de oficinas pedagógicas no ensino de História, sendo um recurso valioso para educadores que desejam inovar e dinamizar suas práticas pedagógicas, promovendo uma educação mais participativa e crítica.

Nesse aspecto, as oficinas propostas pelas autoras visam aumentar o engajamento e a motivação dos alunos, utilizando métodos que tornam o aprendizado mais dinâmico e interessante, portanto, ao integrar metodologias ativas, interdisciplinaridade e uma perspectiva inclusiva, a obra oferece um recurso valioso para docentes que buscam aprimorar suas práticas pedagógicas e promover uma educação mais crítica e participativa. Através das oficinas propostas, os estudantes são incentivados a desenvolver um pensamento crítico e reflexivo, essencial para sua formação como cidadãos conscientes e informados. Baseando-se nisso, pensamos em trazer uma oficina relacionada a formação do povo brasileiro.

Circe Bittencourt (2004), propõe ao leitor um diálogo entre a Teoria da História, com suas diversas concepções, e os saberes pedagógicos no que diz respeito à seleção de conteúdos. Ainda a autora, ao abordar os conceitos e a noção de tempo histórico, faz uma nova conexão entre a Teoria da História, considerando suas concepções de conceito e tempo histórico, e os saberes pedagógicos, além de trabalhar com um aspecto interdisciplinar na área de História, em que propõe o conteúdo da disciplina com os saberes e as experiências cotidianas dos alunos.

Nesse sentido, ideias freireanas referentes ao protagonismo estudantil em que é fundamental a atuação do aluno no processo educativo no intuito de estimular e proporcionar a atuação e troca de experiências foram fundamentais nas atividades realizadas. Pois, acreditamos que a escola é um espaço de cultura no qual o aluno deve desenvolver, por meio de um processo coletivo, a emancipação, como é destacado por Vera Maria Candau, afirma que:

[...] a oficina constitui um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de um confronto e troca de experiências. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através de sociodramas, análise de acontecimentos, a leitura e a discussão de textos, o trabalho com distintas expressões da cultura popular, são elementos fundamentais na dinâmica das oficinas pedagógicas. Portanto, as oficinas são unidades produtivas de conhecimentos a partir de uma realidade concreta, para serem transferidas a essa realidade a fim de transformá-la. (Candau, 1995, p. 178).

As oficinas foram trabalhadas na objeção de gerar saberes e construção no âmbito escolar no qual utilizamos da cultura como meio para proporcionar os objetivos propostos, saindo fora do modelo tradicional da sala de aula, ao trabalhar com oficinas temáticas. Desta forma, Candau (1995), Paulo Freire (1987) e Adichie (2019), que nos serviu como referência sobre o perigo de uma história única. A qual ela se refere a história dos ditos “vencedores”, ou seja, uma história colonial, afirmando que:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para polir e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (Adichie, 2019, p.32).

87

Esses e outros autores contribuíram teoricamente para as realizações das oficinas elaboradas que dizem respeito sobre a influência dos povos indígenas e africanos na formação do povo brasileiro, educação antirracista e introdução aos estudos de História, em que desenvolvemos com os alunos a importância dos negros e indígenas na formação social e cultural da população brasileira. Contudo, foi importante ressaltar a relevância de proporcionar uma educação antirracista que aborde a história dos negros além das apresentadas por meio dos textos e representações iconográficas presentes nos livros didáticos, bem como de apresentar a História como algo além de uma matéria, isto é, dialogar sobre sua importância na construção social como também de identidade.

## **Metodologia**

Para a implementação das oficinas pedagógicas, realizamos uma revisão bibliográfica detalhada que fundamentou nossas atividades no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de

Iniciação à Docência (PIBID). As principais referências incluíram a obra *Oficinas de História - Projeto Curricular Ciências Sociais e História (2000)*, organizada por Ana Mascia Lagôa, Keila Grinberg e Lúcia Grinberg (2000). Esta obra oferece ferramentas e estratégias essenciais para a aplicação de oficinas no ensino de história, visando uma educação mais dinâmica, participativa e crítica.

Em seguida, a abordagem das metodologias ativas, que são projetadas para incentivar a participação ativa dos alunos, promovendo o desenvolvimento de competências críticas e reflexivas. As oficinas foram organizadas em torno de temas históricos, tratados de forma interdisciplinar, com o objetivo de promover uma educação inclusiva que valorize múltiplas perspectivas culturais e sociais. Cada oficina foi desenhada para aumentar o engajamento e a motivação dos alunos. As oficinas abordaram temas como a formação do povo brasileiro e as influências das culturas africana e indígena. A relevância dessas influências é sustentada pela legislação educacional brasileira, especificamente pelas Leis n. 10.639/2003 e n. 11.645/2008, que tornaram obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no Ensino Fundamental e Médio.

A proposta foi proporcionar transformações no ambiente escolar por meio de práticas culturais que promovam os objetivos pedagógicos de modo em que as oficinas práticas permitiram que os alunos aprendessem de forma interativa e significativa. Através de atividades concretas, como sociodramas, análises de eventos e discussões de textos, os alunos foram capazes de construir conhecimentos de forma colaborativa. A metodologia utilizada não apenas melhorou o engajamento dos estudantes, mas também contribuiu para o desenvolvimento de uma compreensão crítica e inclusiva da história e cultura brasileiras. Ao final, a experiência demonstrou a eficácia das metodologias ativas e da interdisciplinaridade na promoção de uma educação crítica e participativa, alinhada com os princípios de uma pedagogia antirracista e valorizadora das heranças culturais afro-brasileira e indígena.

## **Conclusão**

Em suma, as oficinas pedagógicas que abordam temas sobre o antirracismo e a valorização da cultura indígena e africana desempenham um papel fundamental tanto na

educação dos alunos quanto na formação dos graduandos. Para os alunos, essas oficinas proporcionam uma oportunidade de refletir sobre a diversidade cultural e compreender a importância de combater preconceitos e discriminações. Esse processo educativo é crucial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos os indivíduos se sintam valorizados e respeitados.

Para os graduandos, as oficinas oferecem uma experiência prática indispensável, que enriquece sua formação docente. Ao lidar com temas sensíveis e socialmente relevantes, os futuros professores desenvolvem uma maior consciência crítica e se tornam mais preparados para promover uma educação que valorize a diversidade e combata as desigualdades. Além disso, a vivência dessas experiências fortalece suas habilidades pedagógicas, ampliando suas perspectivas e metodologias de ensino.

Portanto, é evidente que programas como o PIBID, que incentivam a realização de oficinas pedagógicas com enfoque em questões socioculturais, são essenciais para a formação de educadores conscientes e comprometidos com a transformação social. Essas iniciativas não apenas enriquecem o processo educativo, mas também contribuem significativamente para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e equitativo.

A compreensão das heranças culturais africanas e indígenas é essencial para os alunos, pois promove uma visão mais ampla e realista da história e da sociedade brasileira. Esses conhecimentos ajudam a reconhecer e valorizar as contribuições culturais, sociais e econômicas dessas populações, frequentemente marginalizadas na narrativa histórica tradicional. Quando os alunos entendem as raízes africanas e indígenas no Brasil, tornam-se mais capazes de combater estereótipos e preconceitos, desenvolvendo uma postura mais inclusiva e respeitosa em relação à diversidade. Essa valorização das heranças culturais enriquece o processo educativo, permitindo que os alunos se identifiquem e se orgulhem da diversidade presente em sua própria história e cultura.

Além disso, ao promover o respeito e a igualdade, contribui para a construção de uma sociedade mais justa, onde o diálogo intercultural e a empatia sejam fundamentais para o convívio democrático. Com programas como o PIBID, há uma promoção de práticas pedagógicas que não apenas sensibilizam, mas também preparam educadores para atuar de forma

transformadora, ajudando a construir uma escola e, conseqüentemente, uma sociedade mais justa e inclusiva.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O Perigo de uma História Única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRADE, Juliana Alves de; PEREIRA, Nilton Mullet (org.). *Ensino de História e suas práticas de pesquisa*. São Leopoldo: Oikos, 2021.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandez. *Ensinar História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP Nº 003/2004, de 10 de março de 2004. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 maio 2004

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 18 de junho 2024.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Pluralidade cultural/Orientação Sexual*. 3º ed. Ministério da Educação. Brasília: A Secretaria, 1997.

CANDAU, Vera Maria et al. *Oficinas pedagógicas de direitos humanos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

COSTA, B. *Paulo Freire: educador-pensador da libertação*: Proposições, 2016 Jan;27(1):93–110. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-7307201607906>. Acesso em 10 de jul. de 2024.

DA MATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro, Rocco, 1997

DEBRET, Jean-Baptiste. *Vendedor de flores na porta de uma igreja*. 1839. Litografia pb, 32,0 x 24,6 cm em f. 54,0 x 35,5 cm.

FANON, Frantz. *Racismo e cultura*. 78-90. n 13. Revista convergência crítica, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/convergenciacritica/article/view/38512/22083>. Acesso em: 5 de dezembro de 2024.

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. EDUFBA: Salvador, 2008.

FERNANDES, Florestan. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: Global Editora, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LAGOA, Ana Mascia; GRINBERG, Keila; GRINBERG, Lucia. *Oficinas de História: projeto curricular de Ciências Sociais e de História*. Belo Horizonte: Dimensão, 2000.

MORAN, José. “*Metodologias Ativas e a Pedagogia de Projetos*”: Moderna, 2015.

MOURA, Glória. *Navio Negreiro-Batuque no Quilombo*. CNCT. São Paulo, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido. *Pesquisa-ação crítico colaborativo: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a13v31n3.pdf>. Acesso em 5 dez. de 2024.

RYZEWSKI, Luiz Antônio; STORTI, Moysés Martins Tosta. *Pedagogia do oprimido e protagonismo juvenil: Contribuições para uma práxis libertadora*. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/1184d0f4-144e-4174-927c-0cfd0df7a700/content>. Acesso em 5 dez. de 2024.

91

RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização: formação histórica e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. Petrópolis: Vozes, 1983.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

**Primeiros Passos**

Recebido em: 07 nov. 2024.

Aprovado em: 20 dez. 2024.